

*A persona Reali Jr.*¹

*Rogério Pereira Borges*²

*Isabella Soares*³

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

RESUMO

O presente artigo analisa a autobiografia *Às Margens do Sena*, do jornalista Reali Júnior, encontrando elementos que a diferenciem e que possam contribuir para os estudos desse gênero confessional. Em nossa investigação, constatamos que houve, na obra, a construção de uma persona para o biografado, com patente idealização de sua trajetória e personalidade. Debates no texto as implicações dessa opção narrativa, em que o contraditório desaparece e uma única versão dos fatos é levada ao público, sempre sob um olhar condescendente ou mesmo admirado em direção ao biografado.

PALAVRAS-CHAVE: autobiografia; biografia; Reali Jr.; persona

Introdução

A autobiografia pode ser uma espécie de catarse, em que aquele que escreve está disposto a exorcizar fantasmas que se esforçou para soterrar e que pode visitar ou assumir sem que a vida cotidiana venha lhe cobrar o alto preço da culpa ou da vergonha. Ela também pode ser uma autolouvação infundável, em que o personagem central escreve sobre si apenas pontos positivos, virtudes e vitórias, negligenciando e omitindo aquilo que lhe incomoda, o que lhe traz tristezas ou os indícios de fracassos variados. A autobiografia é, portanto, gênero que exige posicionamentos, decisões, critérios de seleção quase nunca totalmente objetivos. Fatores que vão depender, sobretudo, de posturas individuais, da disposição (ou falta dela) de se revelar inteiramente, de traumas,

¹Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 13 a 15 de junho de 2018.

² Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professor-adjunto (TI) do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da PUC Goiás. Coordenador do projeto de pesquisa *A Memória e a História na Escrita do Si e do Outro nos Gêneros Biográficos e Autobiográficos*, do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Produção de Sentidos. e-mail: rogériopereiraborges@hotmail.com.

³Estudante de Graduação do 6º período do Curso de Jornalismo da PUC Goiás e bolsista do CNPq de Iniciação Científica no projeto de pesquisa, *A Memória e a História na Escrita do Si e do Outro nos Gêneros Biográficos e Autobiográficos* e-mail: isa.soarescunha@gmail.com

fantasias construídas sobre a própria personalidade ou sonhos não realizados ou alcançados apenas parcialmente.

Quem escreve sobre si tem, antes de tudo, um compromisso consigo mesmo. Um compromisso que supera qualquer interesse externo, mesmo que este seja o motivo para o início da escrita. O querer contar aos outros o que viveu é antecedido por um querer lembrar a si mesmo o que vivenciou, ainda que esse encontro marcado com a própria trajetória possa estar eivado de mentiras e autoenganos ou esteja calcado em verdades incômodas e autocríticas. De qualquer forma, a vontade de contar parte do indivíduo que conta e o controle de até onde ir com suas recordações, com suas confissões, com seus mecanismos narrativos colocados em funcionamento é, inescapavelmente, originada em inquietações ou vaidades pessoais. Não que o Outro não esteja em perspectiva. Claro que está, mas mesmo a reação provocada nos eventuais interlocutores é avaliada a partir da imagem que se espera ensejar, construir e reforçar. Uma imagem que pode ou não corresponder aos anseios do narrador, mas que não passa despercebida, que recebe a devida atenção, que integra seus objetivos últimos, sejam eles para provocar choque, empatia ou para revelar segredos.

A autobiografia é, assim, um tipo de narrativa que se coloca em um ponto curioso, uma vez que depende quase que inteiramente daquele que conta, que controla totalmente as informações e busca orientar os sentidos construídos em quem se dispõe a saber o que o autor se propõe a revelar. Isso, no entanto, não significa propriamente um esforço de obnubilamento das experiências pessoais compartilhadas ou um movimento em direção a falseamentos deliberados da verdade. Esse tipo de comportamento não integra a essência do discurso da autobiografia, já que lhe retiraria a credibilidade e a obra tornar-se-ia inócua e inepta, apresentando contradições incontornáveis e rompendo com um compromisso mínimo de honestidade que deve imperar entre quem escreve e quem lê. O que ocorre com certa frequência nesse tipo de trabalho é uma idealização dos feitos e uma minimização das falhas que, quando apresentadas, vêm acompanhadas de justificativas que se rogam plausíveis para atos e episódios menos elogiáveis.

É preciso ter essas inferências em perspectiva quando analisamos autobiografias para que possamos compreender melhor tais obras, sem que sejamos levados a incorrer em erros ou ingenuidades. No presente texto, estamos diante de um livro que traz um complicador, já que a autobiografia do jornalista Reali Jr, intitulada *Às Margens do Sena*, é híbrida em seu método de redação. O protagonista não escreve de próprio punho o enredo de sua vida, mas dá essa prerrogativa a um outro autor, Gianni Carta, que o

entrevista, colhe seus depoimentos, mergulha em suas lembranças e organiza o texto de modo a ser inteligível e contextualizado. Isso não livra – e talvez até amplie a dimensão – de que os elementos mencionados acima estejam no trabalho, ditando seus rumos e compondo sua coluna vertebral. O que vemos é uma narrativa que elabora, como se fosse para consumo externo, uma personalidade fabricada, um profissional de vivências singulares que, sistematicamente, enfatiza-as, romanceando sua trajetória de vida, fazendo-a parecer absolutamente atraente e singular. Sua autobiografia cria uma *persona* e esta parece ser sua prioridade.

Vamos debater essa questão no presente artigo como uma forma de contribuição aos estudos dos gêneros biografia e autobiografia, ponderando aspectos que interagem fortemente e sustentam esse tipo de narrativa. Apresentamos aqui um recorte de uma investigação maior, levada a termo no Grupo de Pesquisa em Comunicação e Produção de Sentidos, da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), intitulada *A Memória e a História na Escrita do Si e do Outro nos Gêneros Biográficos e Autobiográficos*, que conta com a participação de bolsistas de iniciação científica, contando com o apoio do CNPq. Nesse esforço teórico, abarcamos variadas obras, de autores diversos, abordando elementos de correspondência ou dissociação que possam auxiliar no estabelecimento de contornos mais específicos dos gêneros investigados. Nesse escopo inserem-se conceitos de campos de conhecimento distintos que, direta ou indiretamente, são percebidos na construção desse tipo de relato de vida, de escritas do Si e do Outro.

Neste texto, nossa atenção volta-se para o conceito de *Persona*, que tem desdobramentos em terrenos variados, tais como a Psicologia e a Crítica Literária. Chegamos a esse debate após leituras – primeiro exploratória, depois comparada – desse misto de autobiografia e depoimento que é a obra *Às Margens do Sena*. Ao cotejar a estrutura e o conteúdo da narrativa com outras obras sob nosso foco, percebemos uma construção laudatória em torno do protagonista dos fatos que compõem o trabalho. Isso nos levou à discussão teórica aqui delineada, identificando a elaboração de uma *persona* em torno de Reali Jr., quase como um herói do jornalismo e – por que não dizer? – de uma vida plena, em que conflitos sempre são solucionados, em que vivências e memórias são invariavelmente gratificantes e em que o saldo final é espetacularmente positivo. Com isso, temos a oportunidade de agregar mais um debate teórico àqueles que já giram em torno desses gêneros, validando e reforçando seu caráter multidiscursivo e, não

raramente, hibridizado, atravessados que são por numerosas influências e portadores de caminhos igualmente diversificados, ainda que nem sempre totalmente evidentes.

Reali Jr, jornalista

A autobiografia do jornalista Reali Jr é um relato em forma de entrevista concedida ao seu colega de profissão Gianni Carta. Sergio Vilas Boas (2002; 2003) comenta que para uma biografia ser escrita, o biógrafo deve ter o interesse de escrever sobre aquele determinado personagem, mostrando interesse e envolvimento com a pessoa que se dispõe retratar. No começo da autobiografia, Gianni Carta escreve um depoimento, no qual explica o porquê da ideia de realizar uma espécie de autobiografia com Reali Jr, ficando evidente sua admiração pelo jornalista. Em sua opinião, Reali era um “exemplo” no mundo jornalístico e tinha experiências a serem contadas ao público.

Reali você é condutor não somente dos últimos trinta e cinco anos de política francesa, mas também da história brasileira. No Brasil, e depois na França, você entrevistou desde o Castello Branco até o presidente Lula. Aqui em Paris, ficou amicíssimo do ex-ministro e professor de Sorbonne Celso Furtado. O ex-presidente exilado Goulart freqüentava sua casa. Lá, aliás, sua mulher Amélia e você receberam outros ex-presidentes, como Jânio Quadros, Sarney, ex-governadores como Garcez, Sodré, exilados como o Glauber Rocha... Não é pouca coisa. (REALI JR, 2007, p. 18)

Gianni Carta demonstrou interesse na história, pesquisou sobre Reali Jr. e listou as razões pelas quais dever-se-ia escrever um registro sobre essas vivências do experiente profissional, há tanto tempo morando no exterior como correspondente internacional. Com início de carreira na imprensa esportiva, Reali Jr. era filho de um ex-secretário de Segurança de São Paulo. Descendente de italianos, ganhou fama na escola por ter um temperamento um tanto explosivo, mas também pela inteligência aguçada. As duas características foram levadas para sua vida profissional, onde se destacou em diversos veículos de comunicação, entre rádios, jornais e emissoras de TV. Uma trajetória que o fez amearhar muitos amigos e contatos influentes, relações que são detalhadas no livro. Após um período na imprensa paulista, mudou-se para a França, onde logo se tornou repórter *free lancer* e em seguida correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* e da rádio Jovem Pam, também da capital paulista. Nesse posto, que exerceu por cerca de 35 anos, até sua morte, em 2011, Reali Jr. transformou-se em referência da imprensa brasileira no Velho Continente.

Para escrever o livro, Gianni Carta pesquisou sobre os personagens envolvidos na história de Reali Jr., como sua esposa e amigos próximos, e na medida em que a narrativa é contada, cada aspecto é apresentado, descrito com certo nível de detalhes. Carta informa que foram concedidas cerca de 30 horas de entrevistas com seu biografado, em que são reveladas histórias pretensamente inéditas sobre esse personagem que, salientando o caráter híbrido do livro, também exerce o papel de biógrafo de si, um autor privilegiado ou um narrador onisciente. Suas memórias transformam-se em fatos que, na obra, têm apenas uma versão, aquela de quem conta porque os viveu. Mas os viveu por seu viés particular, recuperando-os de seu ponto de vista, o que movimenta interesses, omissões, ênfases e interpretações particulares.

Essa é uma questão crucial nos debates de biografias e, sobretudo, de autobiografias. O relato pertence a uma pessoa – biógrafo ou biografado –, o que nem sempre requer ou se pauta pelo contraditório, por outras abordagens que não aquelas de quem detém a prerrogativa de narrar. No caso de *Às Margens do Sena*, essa característica revela-se duplamente, uma vez que o entrevistador, Gianni Carta, repassa o controle do relato ao entrevistado Reali Jr., que assim assume a posição de autor ou de um depoente que regula inteiramente a escrita sobre si. Ambos convergem para uma narrativa isenta de conflitos maiores, de fantasmas que possam assombrar a caracterização de uma vida plena e recompensadora. Para tanto, ambos concorrem para a construção de uma *persona*, de um ente que se coloca acima do bem e do mal, mantendo as rédeas que dirigem o relato, salientando pontos convenientes e ignorando tudo que possa macular essa imagem. É um personagem que não está à procura de seu autor, mas que o encontra em si mesmo e em outra pessoa que, voluntariamente, se presta a assessorá-lo na tarefa da criação dessa *persona* narrativa.

Rosenfeld (2000) nos ensina que a construção de uma personagem na obra literária observa certos preceitos, que lhe emprestam verossimilhança, força narrativa e atende às demandas das histórias quanto às criaturas que nelas habitam. “É paradoxalmente esta intensa 'aparência' de realidade que revela a intenção ficcional ou mimética” (p. 20). Em outro momento, o crítico literário atesta: Na obra de ficção, o raio da intenção detém-se nestes seres puramente intencionais, somente se referindo de um modo indireto – e isso nem em todos os casos – a qualquer tipo de realidade extraliterária” (ROSENFELD, 2000, p. 17).

Nesse mesmo sentido, Todorov (2004) pontua que forças interagem em diversas dimensões no relato de uma história: “Uma é a mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da 'vida' (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez” (p. 21-22). Quando tratamos de autobiografia, essa lógica narrativa é igualmente válida, uma vez que se relata uma “jornada”, uma “história de vida”, uma sucessão de eventos, de circunstâncias, contextos em que as pessoas, tomadas discursivamente como personagens, interagem entre si, respondem pelas ações, interferem nos destinos de si mesmas e dos outros. Temos, sim, uma narrativa na acepção mais tradicional do termo, com todos os elementos que lhe são interessantes, não excluindo, portanto, o desenho dos personagens, as métricas com as quais eles são avaliados. No caso da autobiografia, a voz narrativa confunde-se com o lugar de fala do protagonista, o que gera outros estatutos nas relações ali postas.

Esses debates vêm desde os tempos antigos, como atesta Bakhtin (2002), ao analisar obras dos períodos helênico e românico. Na literatura moderna, com a instituição de estudos mais detalhados a respeito de novas formas narrativas, questões dessa natureza ficaram mais sofisticadas, uma vez que o número de opções possíveis expandiu-se. A autobiografia e a biografia, em sua longa tradição e diante de novas perspectivas, públicos variados, outros elementos em jogo, passaram por alterações de linguagem, ritmo e até de propósitos. Elas podem ser meramente memorialísticas, mas também quase jornalísticas e históricas, sem esquecer que muitas delas apresentam um caráter eminentemente literário, ao menos no estilo em que são compostas.

Existe a tendência de perceber várias dessas obras como meramente laudatórias, em que o biografado é elogiado à exaustão, sem que haja um sentido crítico no relato. É muito raro ver uma pessoa falar de si mesma apresentando seus aspectos ruins ou seu verdadeiro Eu. O personagem tem que atrair leitores, provar ter uma vida interessante e não uma trajetória trivial. Poder-se-ia argumentar que esse é um problema comum às autobiografias, que orientar-se-iam para a valorização das vidas nelas relatadas. Isso, porém, não é uma regra. Em diversas autobiografias, como a de Pablo Neruda, *Confesso que Vivi* (1977), ou na de outro jornalista, *Minha Razão de Viver*, de Samuel Wainer (2005), há uma honestidade que chega a ser desconcertante, já que várias revelações têm teor forte e até íntimo. Não é o caso, porém, do trabalho analisado, em que a figura de Reali Jr. é vista como emblemática de um *ethos* jornalístico idealizado (TRAQUINA, 2004). Isso fica claro quando alguns de seus feitos como repórter são enfatizados.

Tive sorte de estar no palácio [dos Bandeirantes, sede do governo paulista] em 1964 durante o golpe, e em 1966, na cassação do Adhemar [de Barros, então governador de São Paulo]. Claro, eu era repórter de palácio e, portanto, tinha de estar no lugar certo, na hora certa. No entanto, até setoristas eram vetados naqueles momentos decisivos na história do país. (REALI JR, 2007, p. 83).

Esse trecho é apenas um dos muitos que ilustram como o autor dessa autobiografia escrita por terceiros, mas que tem em seu discurso direto a maior parte da matéria-prima de sua redação, se proclama um profissional diferenciado, que até reconhece o papel da sorte, mas que nunca abdica do direito de pontuar suas virtudes, seu faro jornalístico peculiar, sua capacidade em estar “no lugar certo, na hora certa”. Dessa forma, de maneira gradativa e constante, o livro cria o que chamamos de “persona Reali Jr.”.

A persona Reali Jr.

Jung (apud BOAS, 2002, p. 126) chama de ‘persona’ a máscara que um indivíduo usa para se apresentar ao mundo e aos outros. Todos nós agimos de maneiras diferentes dependendo da situação em que nos encontramos, dependendo dos locais em que estejamos, com quem estivermos, das circunstâncias de nossa vida em determinados momentos. Freud (2011), por sua vez, pondera que o Eu, essa identidade que se constrói em várias instâncias (consciente, inconscientes, pré-conscientes), distribuídas no que chama de super-Eu (ou super-Ego) e o Id. Sem nos alongarmos nesses conceitos psicanalíticos, percebemos que uma personalidade é multifacetada e compósita, havendo, assim, mais que uma impressão, a certeza de que esse Eu, que tantas vezes controla paixões e vasculha recantos da memória, é uma mescla do que acreditamos que é do que de fato é para os demais. Trata-se, na verdade, de um ser que comporta muitos seres, em que há seleções de perfis, que se revelam alternadamente, não fixando um número limitado de características e sim amplia o leque de acordo com cada indivíduo, com suas circunstâncias. Eis um desafio para qualquer biógrafo. O próprio Freud (2011), em um texto da mesma época intitulado “Autobiografia”, revela esse jogo de revelações e esconderijos, quando a própria pessoa decide relatar o que viveu, quem é, como age. Mesmo o Pai da Psicanálise reconhece essa dificuldade em atingir uma sinceridade absoluta e se jogar em um mergulho vertical dentro de si mesmo. Ainda citando Jung, Vilas Boas (2002) pondera que a biografia pode conter ideias, narrativas, desejos, personagens e validação da subjetividade da vida humana.

O autor de obras do gênero tem que procurar passar sua história de uma forma que possamos compreender as motivações dos atos do personagem retratado, por mais incorretos, estranhos e surpreendentes que possam parecer, possibilitando assim que nos coloquemos no seu lugar. Em autobiografias e biografias, há a ênfase nos prazeres e emoções que os relatos podem nos causar, que essas outras vidas projetam sobre nós. Quando o autor escolhe seu personagem para escrever uma biografia, ele inicia suas pesquisas, começa a escutar os relatos, mas essas histórias poderão ser interpretadas de inúmeras maneiras, de acordo com as tendências, predileções, simpatias e antipatias que estejam em jogo no ato de ressignificação que se dá na escrita e na leitura dos textos.

No caso da autobiografia de Reali Jr. quem escreveu foi, no final das contas, ele próprio, uma vez que o discurso direto impera na maior parte do tempo. Ainda que ele seja instado a recordar episódios vividos, a resgatar cenas presenciadas, a fazer avaliações sobre situações e pessoas, ele é o senhor absoluto do relato. Reali Jr. relata a si mesmo, sem que haja contestações às suas versões, problematizações acerca de suas opiniões, contrapontos que lhe retirem da zona de conforto em que se encontra, diferente em certos aspectos e próximo em outros do que Judith Butler (2015) propõe ser uma espécie de “violência ética”, um duro exercício de ver-se com outros olhos ao falar de si próprio. No caso de *Às Margens do Sena*, portanto, de uma autoconstrução simbólica e discursiva. Ele conta o que lhe convém, da maneira que lhe parece mais apropriada, com suas interpretações próprias que, no livro, preponderam. Ele escolhe e delinea sua própria história.

Uma autobiografia utiliza-se de outras fontes que não o personagem principal. Em *Às Margens do Sena*, há várias outras entrevistas e personagens que expressam, também, suas opiniões e partilham suas lembranças. Recorreu-se ainda a fotografias que ilustram os fatos narrados pelo personagem. No trabalho, surgem a todo momento fontes primárias e secundárias, que em alguns momentos chegam a completar falas ou trazer dados que não haviam sido recordados. Essas complementações, porém, não contradizem o personagem principal e sim o corroboram. Podemos perceber que esses elementos, que podem parecer exógenos no debate da construção da *persona* aqui debatida, na verdade a reforça, uma vez que tais depoimentos aludem ao fato de que as lembranças de Reali Jr. não eram importantes só para ele. O grau de relevância muda de pessoa para pessoa, mas o fato sobre o qual se dedica essa atenção integra as recordações de outros indivíduos. Conseqüentemente, a *persona* Reali Jr. não passou pela vida de outras pessoas sem deixar suas marcas, sem fazer parte de suas vivências.

Na autobiografia podemos perceber a reconstrução desses fatos. Tanto o entrevistador quanto o entrevistado trazem para o presente os episódios do passado no sentido de traçar uma história de vida. Mas escrever sobre sua própria vida é aceitar e querer que o outro saiba sobre ela. Muitas vezes há o desejo de compartilhar a memória de uma cena marcante, algo que fique retratado e guardado como uma espécie de documento. É provável que os entrevistadores e o entrevistado omitam ou amenizem histórias mais incômodas, que pudessem causar desconfortos em pessoas citadas ou, sobretudo, arranhar uma imagem cuidadosamente polida no livro. Para isso ocorrer, algumas estratégias foram empregadas em *Às Margens do Sena*.

Na obra, as entrevistas reforçam a *persona* criada. Os amigos são priorizados, os inimigos são quase sempre evitados. Quando os desafetos são citados, ganham descrições pejorativas, como o jornalista que delatou colegas na ditadura militar.

Ironicamente, os maiores problemas que tive de enfrentar foram provocados por alguns colegas que apoiaram o golpe, como o Tico-Tico, apelido do jornalista José Carlos de Moraes [1922-1999]. Em 1964, o Tico-Tico e outros jornalistas de direita, aproveitando o golpe, formaram um grupo. Fizeram uma lista com os jornalistas que consideravam 'anti-revolucionários'. (REALI JR, 2007, p. 90)

O desdobramento deste episódio revela uma atitude heroica por parte de Reali Jr.

Em Congonhas, quem vejo? Tico-Tico, que, é preciso reconhecer, era bom repórter. Ele gritou:
'Realinho!'
'Realinho é a puta que o pariu.'
E pá! Confusão total: separa aqui, separa lá. E ele, já como o indicador apontando para mim: 'Comunista, comunista!' [...]
Acertei o Tico-Tico, mas foi em Congonhas, não na sede da Record. [...] A certa altura, o Randal Juliano, famoso apresentador da TV Record, do time do Tico-Tico, os anunciou para subir ao palco. Peguei o Tico-Tico pelo cangote. 'Você não vai'. Se meteu, para separar, o jornalista Roberto Corte Real, também do mesmo grupo do Tico-Tico. [...] E pá, na cara do Corte Real." (REALI JR, 2007, p. 92-93).

Nesse episódio em que colegas de profissão saem literalmente no braço por questões políticas, falta o contraditório. Tudo é encarado como um tipo de anedota, mas que traz embutida a informação de quem estava do lado certo da História, quem era justo e leal e quem não era. Reali Jr., mais que um profissional que foi injustiçado sem abrir mão de seus valores éticos, é retratado também como a pessoa que vem à forra contra as persecutórias, distribuindo sopapos em quem agiu traiçoeiramente no passado e merecia uma lição por isso. Há quase a encarnação de um justiceiro.

Algo semelhante ocorre na descrição do entrevero que Reali Jr. tem com o polêmico jornalista e político Carlos Lacerda. Em um artigo escrito para o jornal *O Estado de S. Paulo* em 1976, por conta da visita do presidente Ernesto Geisel a Paris, Reali Jr. recorda que em 1964, logo após o golpe militar, o Marechal Castelo Branco enviara Lacerda, que apoiara a queda de João Goulart, à França para ser um emissário do novo governo junto ao general Charles De Gaulle, que comandava o país. Ainda no aeroporto, a verborragia de Lacerda o fez cometer diversas descortesias com a França e seu presidente, fazendo com que De Gaulle cancelasse a audiência com o brasileiro e se negasse a encontrá-lo em sua vinda ao Brasil, quando o jornalista era governador do extinto Estado da Guanabara.

A recordação desse fracasso diplomático de Lacerda mais de uma década depois irritou profundamente o jornalista, que escreveu uma carta atacando Reali Jr. O texto foi publicado em *O Estado de S. Paulo* e deixou Reali muito chateado, a ponto de ele também enviar uma correspondência ao dono do jornal refutando as acusações feitas por Lacerda e, por sua vez, apontando os pontos fracos do ex-governador. No livro, a indignação de Lacerda é tratada como mais um de seus arroubos de ódio panfletário. Já a carta de Reali Jr. é tida como um exemplo de elegância contundente. Note-se também que o texto de Lacerda é citado parcialmente, enquanto que a resposta de Reali Jr. é reproduzida na íntegra (2007, p. 235-238). No embate entre os dois, a imagem final é a de que Lacerda continuava irascível e intratável como sempre, enquanto que Reali Jr., senhor da razão, dá ao oponente uma resposta à altura, cheia de ironia e desprezo.

Às Margens do Sena é um livro editado, evidentemente, pelo entrevistador de Reali Jr., Gianni Carta, e não pelo próprio retratado, mas isso não impede – e talvez até reforce – um tom de elogio admirado. Tom esse que se realiza na direção da construção da *persona* idealizada e não da pessoa real que está dando o depoimento. As perguntas são feitas para que os grandes feitos de Reali Jr. possam ser relatados. Ele demonstra orgulho por ter passado por situações perigosas e ter encontrado soluções para resolver problemas que pareciam insolúveis. Na cobertura da Revolução dos Cravos, em Portugal, em 1974, por exemplo, Reali Jr. e um colega driblaram a vigilância das fronteiras e conseguiram entrar no país convulsionado por via terrestre.

Chegamos a Lisboa às 9 horas da manhã o do dia 26, ou seja, um dia após o início da Revolução. Pudemos assistir, por exemplo, à tomada do quartel da própria PIDE [polícia secreta do regime Salazar, que foi extinta na revolta popular]. Para mim, foi uma festa em termos jornalísticos. Entrava ao vivo a cada vinte minutos, via telefone do

hotel, de onde fosse. Estava reportando uma revolução! (REALI JR, 2007, p. 204).

Nesse e em outros momentos de sua vida, Reali Jr. precisou enfrentar perigos, correr riscos pessoais e profissionais para poder ostentar a aura que conquistara. Na autobiografia, essa questão é recorrente, como na cobertura que fez sobre o sindicato Solidariedad, na Polônia, quando ficou debaixo de uma escada por onde subia o líder do movimento, Lech Walessa, ou quando presenciou o encontro do futuro presidente polonês com o então cardeal Karol Wojtyła, que pouco tempo depois tornar-se-ia o papa João Paulo II. Isso também ocorre na revelação de minúcias de um escândalo de corrupção envolvendo funcionários públicos brasileiros e empresas francesas, nos tempos da ditadura militar, no episódio que ficou conhecido como Relatório Saraiva.

Segui a trilha de outros colegas na fase inicial das investigações do Relatório Saraiva. De fato, as relações entre o Delfim [Neto] e o Giscard, excelentes até então, começaram a deteriorar quando o caso veio à tona. Isso porque o banqueiro Jacques De Broissia [...], então casado com a irmã do Giscard [então presidente da França] [...]. Telefonei para o De Broissia. Dei sorte. Ele me confundiu com alguém do Banco do Estado de São Paulo [Banespa] e começou a dar minúcias do caso. Eu, claro, deixei a conversa fluir um pouco. (REALI JR, 2007, p. 228).

Muitos dos furos jornalísticos de que Reali Jr. se orgulha de ter dado no apanhado de sua vida, ele dedica à sorte. Isso, pelo menos, em suas palavras. Algo que precisa ser relativizado quando confrontamos tal justificativa com todo o restante da obra, que tem caráter eminentemente personalista. Percebemos tratar-se de uma espécie de falsa modéstia. Por mais que dê crédito ao acaso, Reali Jr. não logra êxito em disfarçar o quanto coloca seu talento jornalístico e seu traquejo pessoal como fundamentais para chegar aonde chegou. Isso se dá em diversos aspectos de sua trajetória pessoal e profissional. A forma como conduz seus passos, como alcança suas vitórias, como chega à frente de todos em determinados pontos são elementos que não só destaca, como emblemática em sua própria ação. Estamos diante de uma *persona* ilustrativa de um jornalismo que deu certo e se mostrou duradouro.

Essa *persona* também é construída em articulação estreita com o poder. Em sua autobiografia, Reali Jr. destaca as relações próximas com presidentes, do Brasil e da França, e outros líderes mundiais. “Por exemplo, estive com três dos quatro presidentes franceses desde que cheguei aqui: só não entrevistei o Pompidou” (REALI JR, 2007, p. 189). Essa questão ganha protagonismo na narração que produz de sua própria vida. Com

João Goulart, Reali Jr. demonstra intimidade a ponto de ser ele quem poderia confirmar, para todos, se o político gaúcho derrubado no golpe de 1964 estava ou não em Paris. Em outro trecho, relata como promoveu, ainda que involuntariamente, uma reunião entre José Sarney, ainda nos tempos em que o ex-presidente era da Arena, partido que dava sustentação ao regime militar, com um grupo de intelectuais de esquerda. “Mas Sarney, político de tarimba, comportou-se muito bem e até parecia um esquerdista entre os exilados. Apertaram-no de todas as maneiras possíveis, Sarney tirou de letra. Passamos uma tarde muito agradável” (REALI JR, 2007, p. 245). A casa do jornalista torna-se um local de conciliação política e ele um vetor de encontros improváveis, que podem mudar o destino de muitas pessoas, uma vez que ocorrem entre pessoas proeminentes. Reali Jr, assim, se coloca como participante ativo da História.

Ele também demonstra certa intimidade com Fernando Henrique Cardoso, que frequentava sua casa. “Na Europa, Fernando Henrique sempre me concedeu entrevistas exclusivas. Digamos que tivemos, Fernando Henrique e eu, uma boa relação profissional. E houve momentos em que ele foi carinhoso com minha família” (REALI JR, 2007, p. 271). Em determinado momento, ele faz questão de contar que em uma recepção oficial, FHC disse ao então presidente francês Jacques Chirac que conhecia, desde pequena, a atriz brasileira Cristiana Reali, filha de Reali Jr e que fazia grande sucesso na França. Isso o coloca em outro patamar de intimidade com o poder, com laços mais estreitos. Já quanto a Fernando Collor, de quem recebe um tratamento pouco educado, Reali Jr. revela rancor por ter sido maltratado em uma coletiva e, depois, ignorado em um restaurante. Sentimento parecido ele tem em relação a Luiz Inácio Lula da Silva. Em sua opinião, o ex-líder operário que chegou à Presidência mudou com o poder, algo que ele acredita ser comum a outros homens que alcançaram o topo. Para ele, “mudavam de galáxia”. É interessante notar que seus comentários negativos quanto aos mandatários brasileiros miram exatamente aqueles com quem não conseguiu alguma proximidade ou que parecem não ter reconhecido sua importância jornalística. A vaidade pessoal, como talvez não poderia deixar de ser, é um dos ingredientes da construção de uma *persona* que se considera relevante.

Já sob outra perspectiva, a *persona* Reali Jr. também é composta pelo refinamento pessoal. Além de ter viajado o mundo inteiro e testemunhado cenas históricas, o jornalista revela-se um conhecedor da boa mesa e de vinhos requintados. Em diversas ocasiões do livro, ele dá uma verdadeira aula gourmet, indicando restaurantes na França, na Itália e no Brasil: “[...] aprecio bastante a gastronomia italiana. Vou com frequência à Itália. Na

França, 50% dos restaurantes que frequento são franceses e 50% italianos” (REALI JR, 2007, p. 289). Em vários trechos, ele contesta as escolhas do mais renomado guia de restaurantes do mundo, o *Michelin*, o que demonstra segurança em suas opiniões sobre uma área tão específica. Assim, vai elencando nomes de casas, de chefs de cozinha, de pratos e sabores. “Também gosto de ir a bistrôs e pequenos restaurantes desconhecidos. Mas é preciso tomar cuidado, aconselho uma pesquisa antes de escolhê-los” (REALI JR, 2007, p. 293).

Ele também debate os vinhos como um enólogo. Ele lista inúmeros rótulos da França e da Itália, diferenciando safras e uvas, características da produção de cada região, e faz até prognósticos sobre qual será o futuro desse mercado.

O vinho italiano é hoje o grande rival do vinho francês. Não digo em todos os níveis, porque a França, na minha opinião, ainda supera a Itália em termos de vinhos de altíssima qualidade. Mas o nível dos vinhos italianos médios é hoje superior ao dos franceses, e encontra-se em plena evolução” (REALI JR, 2007, p. 295)

Essa avaliação só é possível para alguém que tenha conhecimento amplo do tema. Esses predicados, adquiridos em décadas de vivências na Europa, não são artificiais. A autobiografia do jornalista, entretanto, abre um espaço especial para que isso possa ser enfatizado, até com especial atenção. A *persona* do profissional impecável se encontra com a *persona* de um homem vivido e culto. Elas, na verdade, se completam na construção de um personagem cuja história gera interesse não em um, mas em diversos aspectos. Um perfil que se completa com a postura de não permitir que interesses outros que não sejam os do jornalismo ético e do bem público prevaleçam. Deparamo-nos com a imagem do repórter romântico, que tem na missão de informar seu maior objetivo, ainda que se arrisque para realizá-la. Um dos capítulos chega a receber o nome de “Quedas-debraço com poderosos”. E admite: “O que acontece é o seguinte: as relações de força mudam um pouco quando você está no exterior, representando uma rádio, um jornal. Em resumo, teu poder aumenta.” (REALI JR, 2007, p. 265). Um poder que o jornalista exerce, desfruta e utiliza, sempre dentro dos parâmetros aguardados para um profissional irretocável. A *persona* se realiza por completo. A autobiografia de Reali Jr. coloca-se, dessa maneira, não como um texto laudatório tradicional, mas como a elaboração, por meio de várias vozes, mas sobretudo a de si próprio, de uma *persona* repleta de qualidades e idealizada.

Considerações finais

Um biógrafo, ao fazer a escolha de seu personagem, seleciona quem considerar mais adequado, baseado em suas experiências e preferências. Alguém que o inspire e, de preferência, por quem o mercado editorial se interesse, que possa ser referência em alguma área. Biografias são, antes de tudo, um resgate do passado de alguém. Nesses percursos, a obra pode criar representatividade e empatia. Essa equação ganha outras variantes – ainda que mantenha muitas das que já elencamos – quando tratamos de autobiografias, uma vez que ingressam nessa dinâmica vivência e memórias mais seletivas, o desejo de se perpetuar por meio do relato, de fazer um saldo positivo da própria existência. Reali Jr., em *Às Margens do Sena*, foi o intérprete de sua própria história, juntamente com os outros personagens que o auxiliaram na lembrança desses fatos. Ainda que tudo tenha sido organizado por um terceiro, Gianni Carta, essa estrutura não foi suficiente para garantir à obra uma isenção, um nível de contraditório mínimo que pudesse, ao menos, problematizar narrativas, visões de mundo, a construção de uma imagem pública que se quer a mais positiva possível.

Não é possível criticar os autores, que também eram muito amigos, por essa postura. Talvez a maior parte das pessoas a adotasse até instintivamente. Nossa análise do livro, porém, não pode se furtar a constatar que o resultado foi a apresentação de uma persona, de um ícone que paira acima das dificuldades – ainda que as reconheça – e que errou pouco, muito pouco diante de inúmeros acertos que elenca. Como nós agiríamos se estivéssemos no lugar dele? Fato é que o ato de relatar a si mesmo (BUTLER, 2015) traz consigo desafios bastante complexos, o que transforma a autobiografia, quando olhada sob o prisma dos regimes de verdade (FOUCAULT, 2007) do jornalismo ou da História, precisa reconhecer suas fragilidades. No caso de *Às Margens do Sena*, essa base menos sólida localiza-se exatamente na idealização de seu protagonista, na decisão de fazer de Reali Jr. mais uma *persona* simbólica que uma pessoa de carne e osso.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo, Cultrix, 2002.
- BOAS, Sergio Vilas. **Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.
- _____. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

- BUTTLER, Judith. **Relatar a si mesmo:** crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Rio de Janeiro: Loyola, 2007.
- FREUD, Sigmund. **O eu e o id, 'autobiografia' e outros textos:** [1923-1925]. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- REALI JR. **Às margens de Sena.** São Paulo: Ediouro, 2007.
- NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi.** Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- ROSENFELD, Antatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO; Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 2004.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004. v. I.
- WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: autobiografia.** São Paulo: Planeta, 2005.